

A lacraia e a barba do sapo

Conta o fabulista que estava o escorpião à margem, sem saber como atravessar o rio de corrente caudalosa e rápida, quando se deparou com o sapo e lhe propôs parceria para a travessia. Subiria em suas costas e, assim, chegariam à outra margem sem problemas. Num laivo de lucidez, o outro argumentou que era batráquiu, mas não maluco, para querer ser ferroadado. Louco

seria ele, argumentou o pedinte, se ferroasse quem o transportava, uma vez que, juntos, afundariam e morreriam — o companheiro de viagem, envenenado e ele, afogado, por não saber nadar. Após tão convincente argumento, iniciada foi a travessia. No meio dela, contudo, o escorpião ferrou o sapo. Antes de afundarem, o sapo perguntou que loucura era aquela. “É minha natureza, nada posso fazer”, respondeu o companheiro de última viagem.

Essa fábula explica muitos comportamentos individuais e coletivos do gênero humano. O Partido dos Trabalhadores tem sido pródigo em fornecer provas de sua natureza, que perde a oportunidade de crescer para não desperdiçar uma chance de ferroar. Mas até na história do PT é difícil achar ilustração tão perfeita para a fábula do escorpião e do sapo quanto a crise gerada pela decisão de Vladimir Palmeira de se lançar candidato a governador do Estado do Rio. Não sendo escorpião de tamanho maior nem peçonha tão letal assim, digamos que o ex-líder estudantil dos idos de 1968 seja uma lacraia na vida de Lula.

O fato é que, raras vezes, terá havido exemplo tão acabado de estupidéz política quanto o representado pela candidatura própria do PT ao governo do Esta-



**A chapa
Lula-Brizola
povoa os
sonhos do
tucanato
aninhado no
Planalto**

do do Rio. Afinal, suas chances reais são menores que as de o Botafogo ser bicampeão carioca de futebol. Além disso, sua entrada em cena representaria um grande auxílio à candidatura da chamada direita ao Palácio Guanabara, a de César Maia, do PFL, e um complicador razoável para o outro candidato, que disputa o posto para valer, Anthony Garotinho, do PDT de Brizola.

Em favor do tresloucado gesto de Vladimir se pode argumentar que a seção fluminense do PT, que tem seu socialismo em conta de raça pura, sempre andou às turras com o socialismo moreno do caudilho, mais até do que com a indústria de factóides tocada por César Maia. Outro argumento para a falta de pragmatismo dos autonomistas é pertencem eles a grupos políticos que contestam abertamente a democracia dita burguesa, tapan-

do o nariz para coalizões do tipo por eles definido como barganhas sórdidas.

Seja como for, se bagunçaria o quadro regionalmente, no âmbito federal a candidatura de Palmeira representaria a implosão prévia da sonhada chapa reunindo Lula da Silva e Leonel Brizola no mesmo barco à deriva. É de duvidar que Brizola acrescente algo às parcas chances de Lula, mas isso não se discute mais. O que se tenta é evitar dar algum pretexto para o desanimado ex-dirigente sindical descer do barco no primeiro ancoradouro que enxergar. A retirada do PDT da chapa de união da esquerda lhe daria essa chance.

Foi, então, que a direção nacional do PT resolveu intervir no Rio e evitar o tresloucado gesto. Saiu a emenda truculenta demais para o soneto de pé quebrado. O PT adotou a velha prática coronelista brasileira segundo a qual “manda quem pode e

obedece quem tem juízo”. Ficou claro que, como pode, a direção nacional do partido exige obediência da turma sem juízo do Rio. Vladimir Palmeira, que nunca foi um adepto do realismo político, mostrou conhecer bem a história do socialismo, ao definir tal intervenção como “stalinista”.

De fato, a truculência da intromissão joga no lixo o sonho romântico de um partido que se jactava de ser o único do País comandado por seus militantes, e não por seus chefes. Antigamente, o PT se orgulhava de seguir a linha de Rosa Luxemburgo, a alemã que desafiava a rígida disciplina dos bolcheviques russos, que adotaram a teoria da ditadura do proletariado e a prática da tirania partidária. Lenin inventou e Stalin cristalizou a política segundo a qual só o partido falava em nome do proletariado e o chefe pensava no lugar do partido. No tempo em que José Dirceu, presidente nacional do PT, era líder estudantil, como Vladimir Palmeira, isso era chamado de “centralismo democrático”, expressão fiel à figura retórica comunista de denominar o sórdido pelo sublime.

A chapa Lula-Brizola povoa os sonhos dourados do tucanato aninhado no Planalto, pois ela consegue somar mais rejeições do que adicionar preferências. A candidatura de Vladimir Palmeira seria um obstáculo ao passeio no parque previsto para o bis do presidente Fernando Henrique. A direção nacional do PT, ao estilo das tropas de cavalaria em final de faroeste, contudo, apareceu de repente para repôr o trem da reeleição nos trilhos. A lacraia imberbe do irrealismo político da seção fluminense e da truculência autoritária da direção nacional do PT ameaça a travessia do rio revoltado pelo candidato, que, aliás, o companheiro de viagem de agora já havia, antes, chamado de “sapo barbudo”.

